



# anautto

1969  
DEZEMBRO  
ANO XII  
N.º 56

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta • Editor e Orientador: Dr. Tomaz da Rosa • Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores J. Dinho, C. Moniz, J. Ferreira, M. Froyão e J. Pires	Chefe do Núcleo COSTA RITA	Administrador LUÍS ALBERTO FRAGA
---	-------------------------------	-------------------------------------

## O CAMINHO para o Abstracionismo Pictural

O rompimento da arte pictórica com os cânones consuetudinários, que prescreviam a representação realista dos objectos, data dos alvares do nosso século. Foi uma consequência necessária e previsível do conflito da pintura com a realidade que se vinha forjando havia já longos anos porquanto a teoria da independência da arte foi formulada em meados do séc. XIX, por Theophile Gautier. Esta teoria cuja divisa é a arte pela arte está na base do processo «Impressionista» que tanto furor causou em França. Cezanne é considerado o pai desta escola e Manet o seu longínquo precursor.

A pintura e de um modo geral toda a arte contemporânea reflectem o modo de sentir e de conceber duma geração que gravita adentro uma época que prima por um progresso científico de veras notável, que vai inexoravelmente afectar o espirito do homem. E de tal modo que, ele em matéria de arte chega mesmo a ultrapassar a própria, «idade da máquina».

A sequência ordenada dos estilos «Processão dos estilos» que caracteriza a história das Belas Artes até ao século XX, desaparece para dar lugar à proliferação de tendências polifásicas que coexistem, os Ismos, possuídos no entretanto dum denominador comum: o seu irrefutável intento de reproduzir plásticamente tudo o que existe para além da me-

ra aparência e a sua clara recusa em retratar fielmente os objectos.

Ao abrir o século XX subsistiam quatro «Ismos»: o «Puntilismo» também designado por «Neo-Impressionismo» o «Nadismo» o «Simbolismo» e o «Modernismo» que remontam da década que finalizava, e começou a extruturar-se «Fauvismo».

(Conclui na 3.ª página)

## Educação

Desde a mais remota antiguidade que as gerações amadurecidas foram orientando e instruindo as gerações imaturas.

Esse trabalho é longo e difícil. Não dura uma hora, um dia, um mês, ou um ano. Estende-se por longos anos. A criança, apesar de guiada, protegida e esclarecida por aqueles a quem compete esta delicada missão, não se forma de um modo rápido.

É bem verdade que a Natureza não dá saltos. A criança tem de aprender tudo; aprender por intermédio das suas experiências pessoais e por intermédio dos exemplos e das lições que recebe.

É a esta actividade formativa do homem, que se exerce dum modo particular desde que ele nasce até à idade adulta e perdura durante toda a vida, que se chama Educação.

A principio os homens educavam as crianças de um modo empírico sem considerarem as causas, os meios ou os fins que tinham em vista. Educavam-nas porque se viam forçados a fazê-lo e as circunstâncias lho impunham. Mas com o decorrer dos tempos começaram naturalmente a ponderar no caso. É próprio do ser humano querer saber o porquê das coisas e o objectivo das suas actividades.

(Conclui na 3.ª página)

## Porque não há Professores?

Pergunta que se faz inúmeras vezes em jornais, em revistas em conversas e que surge principalmente no início das actividades lectivas.

Qual será a resposta? Não haverá rapazes ou raparigas que se formem em cursos adequados a carreira de professor?

Há-os, sem duvida, com o curso próprio.

Então que fazem eles?

Vão trabalhar em empresas particulares, agências de turismo ou publicidade, no jornalismo onde lhes dão muito mais garantias e regalias.

Sim, esta é a verdade. Um rapaz nos dias de hoje anseia por um bom futuro com a certeza de angariar os meios de subsistência que lhe permitam satisfazer as obrigações dos encargos assumidos como chefe de família.

A carreira de professor não lhe dá isso em boas

condições e impõe-lhe muito mais trabalho e menor remuneração.

Sim, este é o mal. Um professor do liceu não tem tantas garantias como as tem um outro, empregado numa das situações atraz numeradas.

(Conclui na 3.ª página)

## PORTO...

A questão do porto na fronteira do Pico é assunto tão longamente versado que se fosse arquivado daria (passe a expressão) uma enciclopédia.

Mas, como «água mole...» vamos procurar dar uma achega ao assunto.

É pena, que sendo a Madalena um dos portos do país que maior movimento diário de passageiros regista, lá não exista um porto, na completa acepção da

palavra, mas sim qualquer coisa que de porto só tem o nome, e pouco mais.

Não terão esses milhares de bons portugueses (as recentes eleições demonstraram-no claramente) o direito de fruírem dum porto que lhes ofereça um mínimo de condições de segurança e conceda um pouco mais de autonomia económica?

Por quanto tempo mais se continuará arriscando vi-

(Continua na 4.ª página)

Um honrado trabalhador é mordido por um cão feroz ao entrar em ampla e luxuosa vivenda. Surge o proprietário que se desfaz em desculpas e lamenta profundamente o ocorrido. O homenzinho, contudo, esboça o seu melhor sorriso, quase gemendo de dor com a mão sangrando, e diz-lhe: — Isto não foi nada!

Bom camarada, delicada mentira. E como este tantos outros exemplos!

Todo o mundo mente: o filho, o pai, o marido e a mulher, o servo e o senhor, o empregado e o patrão, o rico e o pobre, mente-se no palácio e pela aldeia.

Ora de proporções alarmantes, de bradar aos céus (tais que aos provincianos se lhes afigura estremeçerem as montanhas), ora de reduzida escala e ao gosto do freguês, sempre a mentira existiu e talvez nunca deixe de existir pois é tendência do homem; com ele surgiu, aí germina.

A sua intensidade e extensão dependeu do à vontade de quem a profere e nela é cúmplice todo o ouvinte.

Ei-la, com finura, no cumprimento, na apresentação; fazendo parte integrante da publicidade em apreciações, nalguma doença complicada. Já com outra «cor» na sua suposta amizade, em religião e muitos pseudo-crentes, intervindo directamente na transação comercial, fornecendo ao adúlador um meio para iludir o «parceiro» — por «encarecimento» de qualidades lisonjeiras que na realidade não existem na sua vítima.

Gentil na boca do tal trabalhador da nossa história, torna-se ousada e fugaz em demasia na boca do inaleidicente, caluniador ou hipócrita que assaz demonstram seu enquadramento na «manada» de ociosos vegetativos e evidenciam sua inferioridade pelos miseráveis assedimentos.

Habitualmente esse espi-

rito de mentira não falta no membro da sociedade corrupta, que desejando sobressair dos semelhantes, lança mão de «ditos agudos e engenhosos» deliciando-se em subir aos pincares da vaidade, ostensivamente manifestando-a no luxo, na mentira berrante da cabeleira postiça colocada na cabeça vazia e oca. Como estava certo o P.<sup>a</sup> António Vieira ao afirmar que somos pouco maiores que as ervas e nos fingimos tão grandes como as árvores!

Ao contemplar uma pintura notável, mente pela desfaçatez, o «sapateiro ufano, que por linhas tortas vai subindo além da chinela», subindo até se quedar na própria desilusão.

Abunda a mentira na História e nessa literatura barata de deploráveis consequências, ocupação de pretensos escritores. Existe a mentira no amor, que não vai além do mero passatempo, insaciedade canibalesca. Lá está ela em sistêmicas e pacíficas associações e reuniões, paredes meias com a política, na base da guerra (onde a carne jovem é «assimilada com sofreguidão» pelos canhões) Até se encontra no elogio à terra mãe, desculpável no entanto pela fala do coração.

É sinal de vulgaridade, que não se vislumbra, todavia, na figura recta dum Thomas More, tão pouco na pastora da Lorena, a admirável Joana d'Arc, essa jovem incarnation da santa virtude da coragem.

Mas tal o poder e a ignominia da mentira que pagaram caro — um com a decapitação, outra pelo fogo — a fidelidade à verdade!...

Afinal, mente-se em tudo e por tudo e detesta-se a mentira (de que se é a própria vítima). Porque não cultivar com afinco o «reverso da medalha»? Porque não dizer a verdade nua e crua?

Manuel A. Vasconcelos

(Conclusão da 1.<sup>a</sup> página)

O «Puntilismo» dissolve em pontos de cores puras a forma, cuja reconstrução fica a cargo da retina do observador por fusão óptica.

O «Nadismo» (nadis — profeta em Hebreu) usa uma simples bidimensionalidade, os seus temas são banais e burilados dentro dum frio e sóbrio equilíbrio cromático.

O «Simbolismo» — socorre-se como o própria designação implica, da simbologia o seu cromatismo é um tanto ou quanto ousado.

O «Modernismo» faz uma larga utilização de linhas curvas da hipérbole e da parábola, conjugando - as com rectas por vezes formando ângulos rectos entre si; os espaços fechados, relativamente abundantes, são preenchidos por motivos ornamentais, na sua grande maioria plantas de traçados curiosos.

O «Fauvismo» (les fauves — as feras em Francês) surge por volta de 1901, os seus obreiros, seguem o processo de Matisse, utilizam meios de expressão bastante simples, cores puras, esboçam os contornos e os dintornos. As suas composições tem um aspecto harmonioso que provém do equilíbrio com que os elementos; expressivo e decorativo, a emoção e a ordem interna estão conjugados.

O «Expressionismo» surge por volta de 1905, é um movimento de origem alemã, tem por fim a captação dos estados emocionais, relegando para segundo plano a representação objectiva, deste modo as figuras apresentam-se fragmentadas e distorcidas no bidimensionalismo da tela.

O «Cubismo» aparece em 1908 e é o resultado dos estudos de alguns artistas que seguem as pisadas de Cézanne, dedicando por isso mesmo grande atenção ao estudo das formas, com

supermacia sobre o colorido. Utilizando o método analítico atingem o conhecimento das formas esteriométricas elementares dos objectos: o cilindro, o cone e a esfera. As formas naturais são fragmentadas e deste modo se obtém o desenvolvimento simultâneo, caleidoscópico e espacial de todas as fases duma mesma forma.

Com base no «Cubismo» surge o «Futurismo», cuja preocupação é dar ao movimento uma forma plástica como expressão dinâmica do tempo, por isso mesmo a este «ismo» se dá ainda a designação de «Dinamismo».

A «Pintura Metafísica» que se prolonga no «Realismo Mágico» e que traduz uma forma moderada e primária de «Surrealismo», foi um dos «ismos» que maior repercussão teve no surgimento da pintura abstrata.

Com a criação e utilização de elementos mágicos e abstratos dá-se um alargamento, deveras considerável do campo perceptível e artisticamente reproduzível.

O mundo das realidades e das formas enriquecesse com elementos mágicos, oníricas, subconsciente, inconscientes. O conceito do real, no sentido tradicional, é profundamente abalado, uma vez que o irreal se transforma em realidade, capaz de ser retratada plásticamente.

Do pseudo real ao abstrato há uma distância ínfima a percorrer. Os Russos com o «supermatismo» o «Raionismo» e o «Construtivismo», transpuseram-no.

Por essa mesma altura 1910-1911 Kadinsky, a trabalhar em Munique, entra conscientemente nos domínios da pintura abstrata.

Este mundo também figurativo, integralmente novo é o último estágio e a última consequência da arte moderna. O artista abandona-se, ele mesmo, a si mesmo, e inspira-se na contemplação do seu mundo interior.

J. F. D.

(Conclusão da 1.ª página)

das e haveres, desnecessariamente, enquanto a enferrujada máquina burocrática continua sofrendo de idiopatia e osculta bairrismo, que até temos pejo em dar-lhe o nome adequado?

Creemos, apesar da pobreza do nosso verbo, que poderemos dizer algo sobre o assunto, não é necessário ser muito perspicaz para ver que o porto da fronteira é absolutamente necessário.

Mas, por via de dúvidas, vejamos o assunto por outro prisma.

Os Açores possuem qualidades para serem um polo de atracção turística?

Irrefutável. São-no por acaso? Não.

Como pesa profundamente este «não». A nós e a mais alguém, estamos certos.

Se nos reportarmos, em especial, ao Pico, onde tudo é duma imponência transcendente, devemos sentir-nos lesados por não serem conhecidas, como merecem, as suas belezas naturais: Miradouro da Terra Alta, Arcos do Cachorro, Furna Frei Matias, «Mistérios» que são mistério e muitos outros pontos de excepcional interesse turístico. Pronto, a nossa pena vacila, e o engenho fraqueza. Não nos abalançamos a mais. Seria ignominia.

Parece-nos que nos desviámos da rota traçada, mas tudo gravita à volta do porto.

Não haverá ninguém com senso que se abalance a criar uma indústria turística numa ilha que, apesar de bela, não possui comunicações asseguradas.

Lógicamente, o porto arastaria quase tudo o que o Pico necessita: além do desenvolvimento turístico, uma Escola Técnica e outros progressos. Estamos em crer que as dificuldades inerentes ao corpo docente seriam em grande parte resolvidas com o dito porto. Contudo, pode ser que nos enganemos.

Mas... Para esclarecer esta ideia pode ser que voltemos a este assunto noutra artigo. Adiante. Houve quem já es-

tabelecesse restaurantes e cafés, que não deixam nada a desejar, e que seriam muitos beneficiados com a vinda de turistas. Se estes o fizeram sem turistas, e sem porto, parece-nos que com as duas coisas muito mais se faria.

O problema das estradas está já em parte, mas só em parte resolvido, e agora é caso para pergunta: — É água e luz?

Que nos comparem com um dos animais que tem as orelhas mais desenvolvidas, não nos importamos, mas isso seria resolvido com o porto.

E já agora vai mais uma barbaridade: o embarque de gado seria mais rápido e económico se a fronteira, possuísse um bom porto.

É por demais sabido que uma grande percentagem dos alunos do Liceu da Horta é do Pico.

Assim, salvo raras excepções (aqueles cujas famílias se radicaram na Horta) passam várias semanas fora do convívio familiar. Porque nem sempre vão ao Pico no fim de semana? Claro está: o mar pode-se toldar, o «senhor porto» torna-se impraticável e lá vêm os inconvenientes de irem para outros portos, viagens morosas e faltas às aulas.

Acabou-se. Hoje já dissemos demasiadas asneiras mas outras ficarão ainda guardadas no saco, para a próxima vez.

Não sabemos porquê, mas temos cá uma pertinácia...

Costa Rita

(Conclusão da 1.ª página)

Os pais e os mestres reconhecendo muitas vezes que cometiam erros começaram a perguntar a si próprios a razão de ser dessas faltas. Evidentemente, eles erravam porque nem tão pouco, haviam concebido no seu espírito a finalidade da Educação.

O problema fundamental em qualquer actividade consiste em marcar com nitidez o caminho que há a percorrer e concretizar os seus, objectivos.

É difícil defenir Educação. Ela não muda somente com os anos, mas ainda com o lugar e a época. O seu significado varia de país para país e nunca é exactamente a mesma coisa num meio rural ou numa zona Industrializada.

Assim, para defenir Educação, há que considerar os seus objectivos. O primeiro objectivo consiste em formar as crianças de tal modo que elas consigam realizar o seu fim na Terra e a missão que lhes será confiada na sociedade, não esquecendo nunca que a preparação para a vida inclui também a preparação para a eternidade. A criança deve, portanto, ser ensinada a considerar a vida como coisa séria e necessária para

alcançar a verdadeira felicidade. Se, por outro lado, observarmos bem a influência do meio ambiente na Educação, verificaremos que o ambiente do adulto, diferente do da criança, pode apresentar uma série de obstáculos para ela. Ou temos de adaptá-la a esse meio que não é dela, ou apresentar-lhe o seu ambiente próprio. O meio sugere logo a sociedade em que a criança vive. É preciso, pois, analisar as vocações infantis e as dos jovens perante essa sociedade.

Mas é sobretudo indispensável conhecer as particularidades individuais de cada um, não podendo esquecer que as crianças variam muito, sendo diferentes umas, das outras na sua personalidade própria resultante das faculdades sensitivas intelectuais e dum conjunto de disposições, aptidões e tendências que individualizam.

Deve-se ter, sempre presente que a Educação é um problema de extraordinária transcendência e importância, ocupando uma posição de relevo entre todos os problemas do Homem.

A. M.  
6.º-E

## Porque não há Professores?

(Conclui na 1.ª página)

Um licenciado em germanicas poderá ganhar pelo menos o dobro numa agência, numa empresa e até noutros lugares oficiais.

Um licenciado em Matemática terá um futuro garantido numa grande unidade fabril ou em qualquer firma de grande contabilidade. Esse licenciado que agora está rico e bem colocado

andaria, como professor dum lado para o outro nas nossas provincias ensinando e ganhando apenas para viver,

Quantos professores vivem esquecidos em pequenas cidades interiores...?

O jovem de hoje não quer isso. Ele quer trabalhar, sim, mas quer também viajar, quer uma casa um automovel... (porque não)...

e sendo professor do liceu conseguiria realizar todas essas ambições? Possivelmente se os professores fossem mais bem remunerados não aconteceria o que se verifica: falta de professores nos lugares menos centrais do país.

Alem disso não se faria a tal pergunta. Porque não há professores.

F. M.

# São assim os Estudantes . . .



## Apelo

Jovens!! a quarta página precisa de vós; espera impaciente pelos vossos devaneios amorosos, pelas vossas gafes. Doutra modo não temos assunto.

## Perguntas indiscretas

Quem foi a «menina-senhora» do 3.º ano que rasgou e cuspiu o nosso último número?

Terá sido porque lhe chamámos, embora indirectamente, criancinha?

## Notícia de Torto (= ofensa)

Comunico oficialmente que não sou o autor de nenhuma das cartas (declarando amor) que em meu nome foram endereçadas a uma colega minha.

Para mais esclarecimentos tratar com o 7.º ano de ciências.

ASSINADO :

O FOROR CONTEMPLATIVO

## Breve informação:

As averiguações tendentes a desmascarar os verdadeiros autores estão a cargo dos detectives da conhecida marca: «Já descobri mas não digo».

## Na aula de Português do 6.º Ano

O Professor—Porque reuaste hoje uma carteira.

O aluno—Porque ontem estive toda a noite a descascar milho.

## O S. MARTINHO dos Estudantes

Revestiram-se do tradicional brilho as comemorações em honra do popular santo, havendo, a registar para além dos tradicionais pianos; vômitos na Avenida; um navalhão embriagado; transportes em maca; um gigante abraçado ao Infan-

te; poemas aos néctares libertadores de Baco; declarações amorosas, em plena rua, ao som do «violão» que não foram correspondidas; vontade de beber água; acrobacias desastrosas que deixaram cicatrizes ainda vizíveis; um sextanista que começou a sofrer de amnésia aguda.

## O Texas...

Cortou a pera e vai daí enomorou-se duma menina com pretensões a futura mestra escola.

Segundo parece a coisa é para valer.

## Ali pró Quarto Ano...

Parece que anda uma menina (+ outra) um tanto ou quanto saída de Statioar. Aconselhamos cuidado com a velocidade.

## O ex-Maior Par

(tome-se maior no sentido de altura)

## do nosso Liceu + Magistério

Deu por terminado o seu idílio francamente gigantesco, (uma questão de proporcionalidade).

Na altura do enlace não faltou quem predestinasse para aquela união uma vida eterna.

Enfim, qualquer um se pode enganar.

## Ultima Hora

Segundo noticia recentemente difundida pela rádio «mexerico» está em vias de recomeçar o referido amor. Congratulamo-nos com isso.

## Resposta

A resposta para o n.º 000 foi-nos dada verbalmente acompanhada do pedido de a transcrevermos:

—Saibam seus caras qui, num larguê meu brôtchinho, foi ela qui diânté di todo o mundo mi disse:

Dêsapareça, qui num êstou amando mais bocê de hoje em diante, só vou gostar di quem gosta di mim.

## D. Quixote de Las Calças Plásticas (Pretas)

Como todos sabem é aluno do 7.º de Ciências, este brioso e digno paladino das moças mais catitas do nosso meio académico.

Até quando?

## Cine Académico

Esteve em vias de apresentar uma longa metragem em

SEMINOSCOPE e FREIRY-COR

## PAPA GAIOS E CORUOS

Um filme profundamente humano que nos relatava uma história de «amor platónico» entre dois seres que tinham resolvido mudar o rumo às suas vidas.

No intervalo haveria actuações do cheio de fãs e conhecido futebolista

Cardosus